

## CLÁSSICOS, SIM! POR UMA EDUCAÇÃO SUSTENTÁVEL

Miguel Pereira Neto

*Universidade Federal do Rio Grande do Norte*

[xenosdeeleia@gmail.com](mailto:xenosdeeleia@gmail.com)

Francielly Coelho da Silva

*Universidade Federal do Rio Grande do Norte*

[franciellycdsp@gmail.com](mailto:franciellycdsp@gmail.com)

### Resumo

Visando a uma abordagem interdisciplinar que integre, principalmente, as disciplinas de Língua Portuguesa, História e Filosofia, prioriza-se esta experiência de ensino, a partir de textos de obras clássicas, tentando quebrar com a visão que se tem disseminado atualmente de que os jovens não estão prontos para a inserção dos clássicos dentro da dinâmica estudantil que por eles é vivenciada. O presente trabalho visa trazer a baila a conceituação de várias práticas dos discentes, atrelando-as às propostas e às implementações teóricas e aportes possíveis dentro das vivências dos estudantes escolhidos como amostragem para esta pesquisa. Como diferenciais desta proposta, elencam-se: grande disponibilidade de material virtual e físico dentro das mais diversas instituições de ensino no país; concretude da qualidade da produção científico-cultural que se atrele a essa prática; resultados expressivos na compreensão de mundo e grande versatilidade das propostas de implementação. Quanto às possibilidades adequadas à realidade das vertentes de educação atreladas a esse processo, destacam-se, profundamente, a adequação desta proposta dentro de uma abordagem Freinetiana, adaptada à finalidade dos clássicos e uma Vygotskiana, no sentido de adaptação dos jovens a um extenso quadro social de integração da linguagem. Sobretudo, quando em relação com textos que significam marcos para o processo de adequação da linguagem dentro da abordagem dos clássicos. Esse projeto visa estabelecer marcos de uma educação que não se paute apenas em introduzir temáticas novas, e sim, que traga conceitos de um pertencimento dos saberes em relação aos fundamentos estruturantes da origem dos saberes, com uma abordagem hermenêutica do conhecimento e buscando apresentar a crítica possível ao aporte selecionado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Clássicos, Sustentabilidade, Educação.

### Introdução

O projeto em questão visa pensar estratégias simplificadas para fazer uma prática educativa diferenciada. Nos pautamos a partir de experiências de ensino promovidas principalmente por nós no tocante ao uso de textos clássicos. Quando nos referendamos em textos clássicos estamos pensando em duas tradições principais: os textos que são referidos por Ítalo Calvino como essenciais para determinadas áreas do conhecimento e que sempre tem novas visões quando são relidos e a definição de textos pertinentes ao período historicamente reconhecido como clássico ou greco-romano da Antiguidade.

O mesmo projeto apresentou as duas vias como vertente de aprofundamento de estudos, mesmo com públicos de fundamental II das redes municipais de Natal e Extremoz e seguiu as duas vertentes acima citadas. No que tange à disciplina de língua portuguesa, se tomou os clássicos pela via da necessidade dos estudantes terem acesso a vários textos que são considerados fundamentais,



tanto na composição da literatura universal, como da brasileira e são incrementos de aula em que são implementados com vias a aprofundar o estudo de língua portuguesa. No caso da disciplina de História, os clássicos são preferencialmente os greco-romanos que coincidem com o recorte principal da disciplina para os 6º anos (público preferencial do professor) e referencial teórico da pós-graduação do docente, mestre em Filosofia, Miguel Pereira Neto.

O foco que os dois professores tem em comum é a necessidade de fazer constantes pedidos de livros para a escola e acompanhar os livros que estão presentes no acervo com muito afinco: cada pérola encontrada seria de extrema utilidade para o desenvolvimento dos educandos. O problema é que o público das escolas municipais é muito carente para efetuar compra de livros, mesmo clássicos da Martin Claret, e, muitas vezes apresenta carência no que tange ao letramento digital, não compreendendo ou não podendo ter acesso até aos textos de domínio público. Nesse ínterim, fazer o papel de intermediador das demandas é a forma que temos para lidar com os livros presentes e não desistir de uma experiência formativa conclusiva.

O professor Miguel costuma usar livros como plano de semestre, solicitando que esse material tenha função de atividade principal e com muita antecedência, possibilitando que as famílias com maior problema possam se articular diante da demanda. Em língua portuguesa, a professora Francielly, por sua vez, costuma trabalhar trechos em sala de aula, refletindo com os estudantes a importância dos textos e as vezes realizando continuações no sentido de dar conta.

O escravismo das demandas disciplinares é outra dificuldade da proposta. A escola, entrecortada por planos nacionais de conteúdos dos mais diversos como os PCNS, se vê obrigada a abandonar os clássicos para dar conta da vastidão de conteúdos que são solicitados: pelos professores das outras disciplinas, pela comunidade escolar, pelas leis, pela pressão do uso livro didático (principalmente em instituições particulares), pela preguiça e descaso dos alunos (não acostumados a esse método e buscando ensino através de esquemas de simplificação e síntese) e até mesmo pela opinião dos iguais (professores de mesma disciplina que não valorizam o tipo de abordagem que descrevemos).

## **2. É preciso refletir...**

Que fique bem entendido aqui que não circunscrevemos a proposta de clássicos por livros clássicos de análise de problemas em áreas de conhecimento como História ou Língua Portuguesa,



mas sim de clássicos no sentido de serem obras estruturantes para a sociedade, mas, mesmo assim, a sociedade parece fugir de estudar esses textos por uma necessidade de ineditismo de práticas.

Se em tempos medievais o estudo a partir dos clássicos foi algo fundamental e estruturante de práticas sociais e pertencimento entre grupos bem abastados, em especial os mais altos cargos da Igreja Católica, hoje a educação perdeu um foco unitário. A perda de foco surge a partir da intensificação de diversas demandas do projeto educativo que devem constar nas propostas de educação que realizamos com os nossos pares, o problema essencial não está na diversidade, mas no preconceito que propostas como a nossa sofrem por serem taxadas como conservadoras e antiquadas.

O sentido de antiquando, por essa via, nós vemos como uma inadequação das teorias educacionais, por parte dos detratores dessa proposta. É dado que o conhecimento mais profundo de qualquer área do conhecimento passa pelos clássicos, seja na aceção dos comentadores que se notabilizaram na escala de clássicos nos mais diversos assuntos a escala de autores que circunscrevem verdadeiras bases culturais da História da Humanidade em seus mais diversos estilos. Se pensarmos em termos vigotskyanos, a teoria educacional que este apresenta trabalha com Zonas de Desenvolvimento Proximal da linguagem, o que seria o desafio do educador no processo de formação desse constructo do que o aluno tem e de quais estratégias melhor se adequam ao conjunto de linguagem que é pertinente a ele.

O primeiro interstício que propomos, ressignificando a ideia de ZDP (Zona de Desenvolvimento Proximal) é a de reconhecer nos alunos algumas estruturas de conhecimento que estão contidas em clássicos e tentar aproximar esses conceitos da realidade inerente deles. Tematizaremos a seguir alguns exemplos possíveis dessas práticas.

Dentro do esquema usual da política partidária é do convívio dos alunos a prática de ex-inimigos políticos se tornarem parte de uma coligação e isso ligamos ao emprego de Nicolau Maquiavel em o Príncipe: “O inimigo do meu inimigo é meu amigo” e “[...] mantenha os amigos perto e os inimigos, mais ainda”. As frases de Maquiavel são facilmente assimiláveis para o contexto da política brasileira se analisarmos as estratégias das propagandas e coligações e são profundamente visíveis para os termos da linguagem corrente dos públicos. Os exemplos da política se multiplicam se vislumbramos A Vida do Doze Césares de Suetônio ou As Catilinárias de Cícero.

Se formos pensar uma experiência antropológica de reconhecimento dos outros e valorização dos biótipos da humanidade o livro História de Heródoto é um exemplo de desmantelamento do preconceito racial: “os homens mais belos da terra, são, sem, dúvida os



núbios”. O trecho em questão revela um mundo em que a diferença de cor de pele não era suficiente para pensar os critérios de beleza e pertencimento e onde um grego reconheceu num povo africano uma inteireza corpórea que para ele era a mais bela de seu tempo, vencendo até do ideal grego de corpo escultural que o Ocidente ajudou a difundir. Isso nos faz pensar que a visão preconceituosa dos clássicos surge de uma abordagem de desconhecimento dos clássicos, por não serem reconhecidos pelos professores em sua pujança transformadora e formativa e preferirem abordar os clássicos (quando abordam) por textos que sintetizam grotescamente e de modo muito sumário.

Pensando conteúdos de metalinguagem, poucos textos apresentam um forma tão atraente quanto o texto machadiano em Memórias Póstumas de Brás Cubas: “Ao primeiro verme que roeu as minhas carnes frias eu dedico essas memórias.” Aliás Machado de Assis é um autor de importância colossal dentro da construção da linguagem brasileira e mesmo do pertencimento de identidade de país, como pensar um ensino de língua portuguesa que fuja de Machado pela tônica do: é difícil demais?

Que sejam em parcelas em que possamos trabalhar com pequenos trechos de compreensão, ler Machado de Assis é apurar o sentido estético e ético do modo de lidar com a brasilidade e reconhecer realidade que foram muito bem narradas em sua historicidade. Há também a versatilidade de uso de contos e obras de romance de Machado que ainda flertavam com o estilo romântico. O estilo de Machado de Assis é, até entre os poucos estudiosos de Filosofia Brasileira, o mais próximo de uma Filosofia do Brasil fora Oswald de Andrade e Lima Barreto e deveria ser um dos autores mais estudados na realidade escolar.

### **3. Aprofundando...**

Ainda flertando com a ZDP, várias adaptações foram feitas do recurso fílmico e até seriados com a temática das obras machadianas e podem ser usadas para insuflar estratégias de interesse pelo livro ou de propedêutica para o entendimento da obra machadiana. O cuidado que temos de ter é o de não sobrepor a linguagem fílmica como descrevendo toda a grandeza da obra, as estratégias do professor devem usar o recurso fílmico como um complemento, dado que a linguagem fílmica é outro recurso de intensa validade dentro dos moldes educacionais, mas de dinâmicas bastante específicas para esmiuçarmos dentro dessa proposta.

Alicerçados dentro da temática da literatura, vemos com bons olhos o uso de autores locais, para tentar descrever realidades locais e tentar aproximações com o cotidiano dos alunos, mas a



proximidade conteudística não é apenas geográfico-temporal. Atentamos para o fato de que a aproximação de esferas de linguagem e entendimento se dão preferencialmente nos pontos de contato da formatividade de conceitos e nesse quesito os textos clássicos têm preponderância. Se em termos linguísticos sabemos que a formação do português normativo passa pelo que os falantes cultos da língua e pelo que a cultura letrada da elite intelectual projetou no processo de uso da linguagem, grande parte dessas marcas estão mais presentes nos nossos modos de pensar e agir do que as práticas adotadas por um vizinho com o qual não dialogamos.

Vemos as crianças defendendo valores e práticas sociais de contextos norte-americanos com muito mais fervor e qualidade de atuação dos que os estereótipos da brasilidade e perguntamos por que? A chave disso está no fato da esfera de atuação de valores cognitivos das crianças estar muito mais ligada as próteses culturais da televisão do que nas cantigas dos pais, muito mais vidradas em narrativas projetadas por heróis televisionados do que em modos de fala e vivência de vizinhos. E de onde vem os modelos mais fortes que vemos imperar dentro das dinâmicas da História?

É possível o Ocidente pensar uma aventura heroica que não flerte com o modelo de exposição de Aquiles ou Odisseu? Pensamos que não. Por Isso nos referendamos em François Hartog em *A invenção do Bárbaro* e refletimos: o texto tem um contexto desses mundos clássicos e deles não podemos nos separar sem que faltem partes constituintes de grande parte do que nos define. O nosso modelo de civilização tem elementos de uma “gramática de significações” profunda e antiga e os textos clássicos são chaves de acesso a grande parte desses conhecimentos.

A questão do pertencimento é outra questão muito importante dentro do modelo de ensino Vigotskiano, pensando o pertencimento histórico dos indivíduos. A História não pode ser pensada apenas em saltos, mas sim em processos cumulativos. Os indivíduos, portanto, são portadores de relações sociais que as vezes eles mesmos desconhecem e que fazem parte do cotidiano de forma muito intensa. A partir dessa questão da identidade, dos processos cumulativos, das relações sociais é que vamos pensar o sustentável.

A primeira acepção de sustentável em que nos embasaremos é num pensamento que se sustenta: que tem bases sólidas e confiáveis para promover a ampliação dessas práticas de ensino. Retirados do direito de ver os clássicos os alunos perdem a noção de bases e fontes de pesquisa, perdidos em meio ao imediatismo inerente aos nossos tempos.

A segunda acepção que trataremos é do aspecto econômico ligado ao termo sustentável, quase que sinônimo de econômico. Uma economia é, na base grega do termo, uma regulação bem dirigida das funções da sua morada, em nosso caso a otimização dos recursos disponíveis para



evitar desperdícios e promover a maior captação de capital intelectual que as nossas estruturas escolares podem promover sem gastar mais com isso.

Dadas essas duas concepções, pensamos que o método de Freinet tem muito a ganhar com a implementação desses dados, colocando o estudante para poder optar por fontes verdadeiras de conhecimento e não por recortes esterilizados de contexto de textos didáticos mal significados. Se pelo método de Freinet os estudantes são postos, segundo suas preferências para encamparem pesquisas próprias sobre temas que os aprazam, poucos temas conseguem uma variabilidade tão grande quanto o uso de textos clássicos: poesias, romances, tratados, narrativas, diálogos, peças, livros e etc, variando enormemente nos temas também: amor, intrigas, estratégias políticas, análises sociais, construções filosóficas, pensamentos sobre a natureza e a física, pensamentos sobre o trágico e a morte, o nascer, o prazer, a dor e tantos outros.

A variação enorme dessas práticas pode se dar tanto em turmas de História, quanto em turmas de Língua Portuguesa adaptando-se preferencialmente o foco em Língua Portuguesa para pensar o Mito, a lenda e o Herói e em História para pensar o desenvolvimento dos processos históricos, de como essas narrativas significam aspectos importantes para o tempo presente ou como fórmulas de como os alunos podem se representar na História.

Além das aulas presenciais, os seminários em que partes de algum material seja definido e acompanhado pelo professor durante o semestre podem significar uma implementação crucial na leitura de mundo e na qualidade de realizar trabalhos que podem ter os alunos em questão. Priorizamos com isso o desenvolvimento de uma autonomia docente e repercutiu nas turmas de 6º principalmente uma descoberta de potenciais.

Primeiramente se pensa em que os alunos se afinizem por temas dispostos no quadro, depois se organiza entre os indecisos para que façam parte de alguma das atividades propostas e se estimula que a atividade possa ser promovida de diversos modos: teatro, seminário simples, vídeos, etc, depois se especulou as datas de acompanhamento dos trabalhos em que os fichamentos foram avaliados.

O desenvolvimento dessas atividades guarda profunda relação com os potenciais que os alunos guardam e é necessário que todos se engajem na leitura, para serem comprometidos de forma participativa ao que vai se realizar, mesmo que a pessoa não tenha condição de apresentar, mas para organizar todos os fatos segundo demandas importantes que o grupo desenvolva. Por se tratar de uma proposta bastante aberta, aí cabe uma abertura por parte do professor para se desvincular dos tradicionalismos de um exame pontual e se atenha a uma avaliação do processo de desenvolvimento



do aluno; inclusive criando pontos em que o aluno pode ser avaliado independente de não apresentar.

O primeiro aprendizado para ler é lendo. Por isso estruturamos o nosso modelo como uma espécie de oficina de leitura antes de desenvolver a avaliação escolhida. Em língua portuguesa, normalmente, a professora recorre à ferramenta da avaliação por intermédio de prova, mas compensa os problemas de pontuação pelas demais atividades dispostas dentro do programa de avaliação. No caso do professor Miguel, o seminário é a culminância de diversos processos avaliativos que vão desde a pesquisa de fontes para ajudar na leitura dos textos até a confecção de um trabalho escrito em que os alunos exercitem a fundamentação a qual está estudando e o seminário em si.

A hermenêutica que estabelecemos é, nesse sentido, o processo de pesquisa do aluno em que ele se coloca como produtor de algum conhecimento, em seus limites e propensões para adquirir algum saber proposto pela escola. No nosso caso, no entanto, tentamos lidar com os interesses mais pessoais dos indivíduos estabelecendo o que efetivamente esse indivíduo tem potencial e prazer em fazer.

#### **4. Considerações finais**

Concluimos que não é um potencial fácil de desenvolver e que em grande parte os clássicos são deixados de lado dentro do desenvolvimento escolar pelas diversas dificuldades do trabalho com esse modelo de aprendizado, adotando outras fontes didáticas que apresentem menos dificuldades para o processo de ensino dos professores. Concluimos que esse é um dos maiores desafios para a prática educacional brasileira, sendo um verdadeiro desafio ao interpor isso aos alunos, acostumados com pouca pesquisa e material que parece se preocupar em facilitar e sintetizar as coisas para eles, mas entendemos que analisar clássicos é o que fortalece o processo de ensino.

O ensinar por essa via é intermediado por toda a sabedoria da História da Humanidade que nos chegou no tempo presente: os clássicos. Não é uma questão de que os clássicos não sejam politizados, ou adequados para tratar temas extremamente cotidianos, mas sim o desconhecimento desses clássicos e a pouca maleabilidade dos profissionais em lidar com as demandas difíceis do processo de ensino aprendizagem pelos clássicos.

#### **Referências**

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. Lisboa: Teorema, 1994.



HARTOG, François. **Mémoire d'Ulysse: récits sur la frontière en Grèce ancienne**, Paris, Gallimard, 1996.

HERÓDOTO. **Histórias. Livro II – Euterpe**. Tradução, Introdução e Notas de Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Edipro, 2016.

VYGOTSKY, Lev S. **A Formação Social da Mente**, Ed. Martins Fontes, s.d.

